

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegraphico: Talha-Lisboa — Telefone 5339 C.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

EM LONDRES

O Congresso extraordinário da Federação Sindical Internacional

16	24.616:000	83
países	operários representados	delegados

No dia 22 de Novembro findo iniciaram-se em Londres, numa sala apertada do *Halford Restaurant*, situado ao centro da cidade, os trabalhos do congresso extraordinário da Federação Sindical Internacional. A orientação desta grande reunião, que é a mesma do congresso realizado em Amsterdã em Julho-Agosto de 1919, opõe-se à III Internacional de Moscova. Zinovieff há pouco redigiu uma *Carta ao Operário da França*, onde a orientação do sindicalismo francês era rudemente combatida. O congresso que acaba de realizar-se em Londres é de algum modo uma resposta aos ataques da III Internacional. Diz Dumoulin, nas suas reportagens para *La Bataille*:

O congresso extraordinário foi convocado para atender a uma situação grave e para

1.º Medidas a tomar contra a reacção mundial;
2.º Distribuição de matérias primas em todos os países;
3.º A crise financeira e cambial;
4.º A socialização dos meios de produção.

A sessão de abertura
O discurso de Jouhaux
O congresso é aberto às 14,30 do dia 22 de Novembro. E' Jouhaux, na qualidade de primeiro vice-presidente da Internacional, quem pronuncia o discurso de abertura. Depois das saudações do estilo, explica os motivos que determinaram a convocação. Trata-se, em primeiro lugar, de deter a vaga de reacção internacional. Jouhaux rememora as esperanças dos povos no fim da guerra:

O triunfo do direito, eis o pensamento dominante de todos os povos, eis a aurora que brilhava nas densas trevas em que nos se destacava a humanidade. Esperança rapidamente desfeita. Os maus instintos insatisfeitos e fortalecidos pela culpa imperialista do militarismo em breve venceram os sentimentos nobres, os princípios generosos que o excesso de dor fizera germinar no coração dos povos.

Trinante ainda desta vez, a teoria da força e da violência aniquila o direito dos povos dispostos de si próprios. Em consequência destes monstruosos erros reaccionários, o mundo está de novo lançando a guerra, e nas classes operárias, que tinham esperado poder enfim, num meio definitivamente reconstruído, viver do seu trabalho, saíram de novo o mesmo assédio da miséria moral e material.

A Federação Sindical Internacional deve levantar-se contra esta reacção, sob todas as formas que esta reveste.

Deve afirmar a necessidade de reconstruir o mundo, não podendo esta reconstrução fazer-se senão sobre novas bases. Ao congresso compete definir a acção que os trabalhadores de todos os países têm que empreender em comum; do congresso deve sair uma possibilidade de transformação social.

Terminando, conclui o orador, repito: Trabalhadores de todos os países, uni-vos! Avante pela conquista do mundo novo!

O discurso de Jouhaux é aplaudido pelos delegados à medida que vão sendo lidas as suas traduções em alemão, inglês e línguas escandinavas. Jouhaux explica depois que, tendo-se demitido Appleton, presidente da Internacional, cabe a presidência do congresso, segundo as praxes, à delegação do país em que ele se realiza; e convida, por consequência, os representantes da Grã-Bretanha a indicar um dos seus membros. E' escolhido L. H. Thomas, dos ferroviários, presidente do comité parlamentar da Trade-Union, que agradece a deferência e saúde o congresso, num breve discurso, em nome do operariado inglês.

Essas saudações, explica Thomas, vão não só para os representantes das nações que ontem eram aliadas ou neutras, mas também para os dos povos há pouco apresentados como inimigos. A realização deste congresso é um testemunho de que a guerra terminou para a classe operária. Thomas termina aludindo aos ataques dirigidos contra a Internacional Sindical e salienta a importância dos problemas submetidos ao congresso.

A representação ao Congresso
Ausência dos Estados Unidos
Fimmen, secretário da F. S. I., presta em seguida esclarecimentos sobre a representação no congresso das diferentes centrais nacionais. Vê-se que estão representados nesta sessão dezasseis países, a saber:

Alemanha, 12 delegados; Austría, 3; Bélgica, 10; Canadá, 1; Dinamarca, 4; Espanha, 2; França, 12; Grã-Bretanha, 10; Holanda, 6; Itália, 5; Luxemburgo, 2; Noruega, 5; Polónia, 2; Suécia, 4; Suíça, 1; Checoslováquia, 4.

Estas centrais sindicais agrupam 24.616.000 operários organizados.

Verificou-se também que pela primeira vez se encontram representadas num congresso internacional as federações internacionais de profissão de lapidadores, litógrafos, pintores, carteiros, têxteis, sapateiros, mineiros, transportes,

carpinteiros, trabalhadores de fábrica, empregados no comércio, trabalhadores de vestuário, rurais, encadernadores, tipógrafos, empregados de hotéis, e construção.

Além disso, encontram-se entre os assistentes ao congresso dois delegados das organizações de língua alemã da Checoslováquia e um delegado da Federação dos Empregados da Alemanha. Fimmen indica ainda que uma comunicação da Lituânia anuncia a chegada próxima de delegados e a adesão da respectiva central. A Argentina não se faz representar por virtude de dificuldades monetárias; e a Iugoslávia esclarece que o movimento operário se desenvolve, tudo fazendo prever uma próxima adesão à Internacional Sindical.

Os Estados Unidos não se fizeram representar, embora a América esteja presente por meio de dois delegados: um do Canadá e outro do Peru.

A ausência dos Estados Unidos foi acentuadamente notada pelos delegados. Solan, delegado belga, pede explicações. E Fimmen, em algumas palavras, esclarece a situação da *American Federation of Labour*, que não só não tem pago as suas cotizações mas ainda, como se prova pela correspondência trocada, não tomou qualquer parte activa na vida da F. S. I. Como o delegado canadiano tivesse perguntado se esse afastamento resultaria da importância elevada das cotizações, Fimmen responde que foi o próprio Gompers quem fixara essas cotizações.

Depois deste incidente, é encerrada a sessão de abertura.

Contra a reacção internacional
O discurso de Fimmen
A primeira questão dada para a ordem de trabalhos do congresso era a da situação internacional e a da atitude a tomar pelos trabalhadores contra a reacção internacional.

Fimmen, o secretário da F. S. I., toma a palavra na qualidade de relator, e, falando em alemão, resume a exposição que elaborara em nome do Bureau.

A classe capitalista, diz ele, atravessou a guerra sem nada ter esquecido e sem nada ter aprendido. Dir-se-ia que ela, sob a pressão dos desmoronamentos causados pela guerra, reconheceria o direito das reivindicações conducentes a uma maior liberdade política e económica.

Os governos pareceram por instantes compreender as necessidades criadas pelas novas condições; mas este período foi muito curto e a burguesia retomou a ofensiva. A reacção desenvolveu-se mundialmente, mesmo nos países em que o operariado pôde julgar-se vitorioso.

Na Hungria, o terror branco dura há quinze meses, e o boicote proclamado pela F. S. I. não tem dado os resultados que seriam de esperar, mercedo do apoio dado pela Entente ao governo de Budapest.

Na Finlândia, a situação não é muito melhor. Também lá a burguesia tomou o predomínio e os operários organizados são perseguidos.

(Continua)

Altivos até ao fim

A greve dos camaradas ferroviários está moralmente vencida. Se medirmos bem os esforços verdadeiramente heróicos que os grevistas têm feito para se manter dignamente e os compararmos com os *trucs*, as violências e as deslealdades que os governos têm empregado para fazer calar as suas vozes plenas de razão, vimos logo superiormente colocados estes os valentes grevistas.

Têm resistido a tudo e a todos; têm posto a sua honra de trabalhadores conscientes acima dos processos rasteiros do Estado burguês. Se houvesse ainda um pouco de vergonha da parte dos governantes, há muito que a greve teria terminado, porque nesse caso não desejariam prolongar um estado de coisas que só os avilta e eleva o moral resistente dos ferroviários.

Só os cérebros desempoeirados de ideias arcaicas e os trabalhadores habituados a este género de lutas sindicais podem avaliar a grandeza de alma dos ferroviários do Estado, e a mesquinhez de carácter dos governantes, geralmente tam pródigos quando se trata das suas conveniências e tam avaros quando é necessário acendirem a situação aflicta de trabalhadores que se estendem para bem servir e proporcionar ao país um serviço regular de transporte.

Todas as causas nobres tem o seu correio franco e leal dos ferroviários. A campanha formidável que levantaram pró-mina de Santa Suzana é um exemplo. Os seus interesses também os não quiseram descurar. Estavam no seu direito.

Numa época em que políticos e comerciantes se servem de todos os meios suspeitos para encherem as burras e espalhar a miséria nos lares operários, os ferroviários reclamaram melhoria de situação, cara a cara. Estavam dispostos a transigir no que fosse humanamente possível, porque eles, não desejando o seu mal-estar, também não pretendiam afectar o país.

O governo Granjo, em vez de receber os reclamantes, negociando com eles, provocou-os, tratou-os como escravos, obrigando-os a trabalhar sob a ameaça da farda.

O vexame da militarização indomávelmente os ferroviários, para desconsiderá-los, era tratá-los como carneiros. E a greve, que a todo o transe queriam evitar, teve como resposta a uma afronta.

Decorridos sessenta e tantos dias, conservam ainda a mesma energia, a mesma força de vontade, enchendo de admiração a classe operária.

Tudo quanto se tem feito por aqueles camaradas é pouco, porque eles mostram-se dignos de mais, muito mais.

Tem seguido o operariado com interesse e ansiedade o decorrer

Notas e Comentários

Na Rússia
Aqueles fantásticas histórias que, a respeito do caos russo, nos contavam os jornais burgueses — desordens espantosas, sangue aos metros cúbicos, facadas aos centos, tiros às grossas — sendo umas tantas patrañas dos detratadores mercenários da República dos soviets, constituem, contudo, a deformação, a projecção no campo da mentira de certos episódios verdadeiros. No início da revolução, e especialmente naquele agitado período em que os alemães avançavam no território russo, levando diante de si, como rebanhos espavoridos, os soldados-camponeses desejosos de voltar às suas terras, produziram-se algumas grandes desordens. Os soldados fugidos da frente atravessavam a Rússia em turbilhão para atingir as aldeias do sul e do oriente. Estavam armados, famintos e embrutecidos pela interminável guerra. Deram-se ao banditismo muitos deles. O próprio Lênine, uma bela noite, quando recolhia à sua casa, no campo, levando uma garrafa de leite para a esposa enferma, foi agredido, levando-lhes os bandidos a capa e o automóvel. Só por um milagre salvou a vida... e a preciosa garrafa de leite. O certo é que este período caótico terminou breve. Actualmente Moscova — e o mesmo pode dizer-se de todas as cidades populosas da Rússia, de Tula, Saratov, de Samara a Kazan, de Petrogrado a Odessa, de Harkoff a Yaroslavl — é a mais orléica e tranqüila das cidades do mundo, e quem transitar nas suas ruas não corre o risco de ver-se assaltado e espancado... pela polícia, como frequentemente sucede em certos países do ocidente, muito civilizados...

Orientação evangélica
Intitula-se *Triângulo Vermelho* a revista mensal ilustrada, órgão das associações cristãs da mocidade, cujo primeiro número saiu à luz no dia 25 de Novembro. Recebemo-lo e agradecemos-lho, com tanto maior reconhecimento quanto é certo que ele nos fornece um pretexto para longas meditações, as quais grande proveito trazem ao nosso espírito e à nossa mente. A primeira página do dito *Triângulo* é ilustrada — com a imagem de Cristo Nosso Senhor, pregado na sua cruz, para salvação da humanidade pecadora? Não, senhores. A primeira página da evangélica revista traz os retratos dos srs. Abel Hipólito, António Maria Baptista, Sá Cardoso e Helder Ribeiro, todos militantes da Grécia.

O que vai pela Grécia
O rei Constantino triunfa?
ATENAS, 7. — O plebiscito deverá ser absolutamente favorável ao rei Constantino. Na mensagem enviada por Venizelos aos jornais do seu partido preconiza-se que os seus partidários se abstenham de votar.

Venizelos previne os eleitores de que a Grécia perde tudo quanto tinha ganho, se Constantino voltar.

O presidente do conselho da França pensa que em virtude da nota dos aliados Constantino poderá desistir... *Rádio.*

É só o exército que quer o rei?
PARIS, 7. — Parece aumentar a hostilidade entre a população grega profundamente venizelista e o exército, cujas tendências são cada vez mais a favor do rei Constantino. A nota da Entente, conhecida em Smyrna na tarde de sábado, causou uma certa emoção nos meios políticos, que estavam persuadidos de que existiam divergências profundas entre os governos francês e inglês acerca das questões gregas. — *Rádio.*

Os acordos dos defensores dos "direitos dos povos"
PARIS, 7. — A conferência de Londres produziu os mais fecundos resultados. Oito dias de discussão foram suficientes para se chegar a um completo acordo sobre as medidas a tomar em face da situação na Grécia. No princípio a in-

Que caracteres!

Quando se constituiu o governo Alvaro de Castro, no qual figurava sobranceiro a pasta do comércio um mocinho franzino que da pelo nome de António da Fonseca, avistouse uma comissão delegada dos ferroviários do Estado com esse cavalheiro, e, tratando-se então de encontrar solução para a greve em trânsito, declarou o jovem ministro — há testemunhas! — que suspenderia os dois decretos que continham e continham com a dignidade profissional e moral dos grevistas. Idêntica declaração foi feita em plena câmara dos deputados pelo presidente do estemo "governo", sr. Alvaro de Castro, em resposta ao deputado socialista Dias da Silva, certamente com o intuito de conseguir a votação dos socialistas.

Caido aquele governo, forma gabinete o sr. Liberato Pinto, ficando na pasta do comércio o mesmíssimo mocinho franzino António da Fonseca, passando para a da guerra o sr. Alvaro de Castro.

Confiavam os ferroviários, homens duma só cara e duma só fé, que o sr. António da Fonseca cumprisse à sua palavra.

Pois não cumpriu, porque não só não suspendeu os dois decretos, mas também declara agora que o governo não pode transigir em semelhante coisa!

E, pelo que se vê, o sr. António da Fonseca é um homem de grande carácter...

Por outro lado, o sr. Alvaro de Castro, ministro da guerra no actual governo, também modificou a sua opinião, esquecendo bem depressa a declaração que, como presidente do gabinete anterior, fizera na câmara dos deputados.

E, por sua vez, parece que o deputado socialista Dias da Silva também se esqueceu de perguntar ao pontífice da restauração por que motivo contraíra agora com actos as suas palavras de há tam poucos dias...

Os "amigos" de A BATALHA

Vai em maré de fortuna *A Batalha* Perseguida sistematicamente, vai chegando a toda a parte, mercê do hábil reclamo que nos fazem e com o qual — assim o podemos jurar — não gastamos, até agora, nem um centavo.

O carinho, a ternura, que até aos vendedores do nosso jornal dispensam os *ilustres* oficiais que nas diferentes estações fingem que fazem alguma coisa, é, na verdade, de enternecer. Nós estamos... comovidos.

Até agora aquele garboso senhor oficial que se pavoneia na Moita nos manifestos por forma inequívoca o seu interesse...

Penhorados...

E' publico, é notório — até as pedras o sabem em Lisboa — que uma vasta rede de terroristas, bolchevistas — nós sabemos lá! — uma teia infinitamente subtil e tenaz irradiada de *A Batalha*, e as ideias que no nosso diário são defendidas possuem — como ninguém ignora! — na ilustre colecção dos oficiais apreensores, as mais radicadas simpatias.

Eles, coitados, os que sabem ler, roubam *A Batalha* para a lerem, às escondidas, por causa da ordem. Os que não sabem ler, mercê da ilustração dos cabos da guarda, deliciam os ouvidos, com a proveitosa leitura.

Afinal, as más línguas é que pretendem que eles fazem aquilo por mal, quando na verdade a apreensão, a bem ou a mal, para facultarem a sua leitura aos... soldados.

Ah! já nos esquecíamos. Ontem, no Barreiro, não foi impedida *A Batalha* de circular, o que é caso para registro especial.

Os restos do exército de Wrangel

São distribuídos por vários países

Em Lisboa e Almada realizam-se amanhã dois comícios públicos

Promovidos pelas Uniãos de Sindicatos em defesa dos ferroviários do Estado

Conforme dissemos ontem, a União dos Sindicatos Operários de Lisboa promove amanhã um comício, que tem por fim assegurar aos ferroviários do Estado, em greve há tam longos dias, a solidariedade dos trabalhadores de Lisboa, que certamente acorrerão em grande número àquela reunião pública, significando por esta forma aos valentes camaradas grevistas não só o seu apreço pela pobreza com que se tem mantido em luta, mas também o propósito de dar-lhes o apoio necessário a evitar que os governantes passem sobre eles, aniquilando-os, como é intenção do militarismo, que se ergue a impor-se às legítimas pretensões dos homens que tem exercido a sua actividade nas linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro, militarismo personificado na pessoa do tenente-coronel Raúl Esteves.

O comício de Lisboa, onde falarão representantes da Confederação Geral do Trabalho, Ferroviários do Estado, Federações de Indústria e da instituição que o promove, terá o seu início às 20 horas, no Bairro América, à rua do Vale de Santo António, cujo terreno foi cedido pelo seu proprietário sr. Manuel José Martins Contreiras, velho companheiro de propaganda de Elias Garcia, que tendo que declarar, perante as autoridades, o seu consentimento, o fez nos seguintes termos, que nos apraz reproduzir nestas colunas:

Uma sessão preparatória do grande comício de amanhã
Realizou-se ontem na Associação dos Carreiros uma sessão preparatória do grande comício a efectuar, para apreciar a questão ferroviária. Na sessão, que foi bastante concorrida, encheu-se por completo as enormes salas daquela colectividade, fizeram uso da palavra diversos oradores, delegados da U. S. O. que apreciaram o actual conflito ferroviário, sendo todos unânimes em censurar asperamente o procedimento do Conselho de administração do Sul e Sueste e seu director, posto que é devido à imposição militar que este movimento ainda se mantem.

Os oradores lembraram também o apelo da C. G. T. para que aqueles camaradas que o possam fazer tomem conta dos filhos dos ferroviários. A sessão, que decorreu no meio do maior entusiasmo, terminou cerca das 0 horas, aos vivos à organização operária, revolução social, etc.

No final alguns camaradas tiraram uma queixa a favor dos ferroviários, que não sabemos ainda quanto rendem.

Outra sessão preparatória do comício
Hoje, pelas 21 horas, na sede da secção da construção civil de Belém, rua Paulo da Gama, 7, 1.º, efectua-se uma sessão de propaganda para o grande comício a realizar amanhã no Bairro América.

Atendendo à importância do assunto, é de esperar que seja grande a concorrência do elemento operário.

Também amanhã se realiza um comício em Almada
A União dos Sindicatos Operários de Almada, cumprindo as resoluções da C. G. T., promove um comício pró-ferroviários, o qual se realiza amanhã, às 19 horas. É uma manifestação de solidariedade operária para com os ferroviários do Estado e de protesto contra a irreductível atitude do governo.

UMA IDEIA
DOS ORGANISMOS OPERÁRIOS E DOS SEUS MILITANTES
Um grupo de trabalhadores libertários propõe-se organizar uma sociedade cujos fins seriam os seguintes:

- a) Estudar a situação geográfica de todos os povos do mundo;
- b) Inquirir das suas condições económicas, dos seus costumes e do grau de cultura intelectual;
- c) Conhecer o seu desenvolvimento associativo, a forma de organização, as suas tendências sociais, e a preparação para a Revolução Social;
- d) Acompanhar todos os acontecimentos que, dia a dia, se vão desenvolvendo em cada país;
- e) Proporcionar a todos os organismos operários todos os elementos colhidos que possam interessar-lhes, quer para sua orientação na acção a exercer para preparar a Revolução, quer para conhecer das condições de cada indústria no estrangeiro;
- f) Desmentir todas as notícias publicadas pela imprensa sobre questões internacionais, que não correspondam à verdade.

Para conseguir estes fins, a sociedade usaria os meios seguintes:

- a) Fundação dum curso de geografia, o mais completo possível, reunindo todo o material de estudo necessário;
- b) Estabelecimento de correspondência directa e constante com todas as or-

ganizações e todos os indivíduos em destaque no movimento social de todo o mundo, usando para isso do Esperanto;

- a) Reunião de todas as notícias que possam colher-se, em todas as fontes, que interessem ao movimento social de todo o mundo;
- b) Assinatura de periódicos de informação e de propaganda socialista publicados em português, espanhol, francês, inglês, italiano, esperanto, e todas as línguas conhecidas de alguns dos membros da sociedade.

O grupo de indivíduos que pensa levar a efeito a organização desta sociedade submete a sua ideia a antes de fazer algumas considerações sobre a sua utilidade — à apreciação de todos os organismos e de todos os militantes operários, bem como de todos aqueles a quem preocupa o movimento social que em todo o mundo se vem operando, e pede-lhes a sua opinião, o seu apoio ou desapoio. Todos devem dizer o que pensam acerca desta ideia que se pretende pôr em prática. Todos devem dizer as vantagens ou desvantagens que lhe acham. Todos devem, com a sua autoridade, cooperar nesta obra, se a acharem digna, ou evitá-la se a acharem improfícu.

As respostas, o mais desinteressadamente que puderem ser, são recebidas pela Federação Esperantista Operária, rua António Maria Cardoso, 20, e serão publicadas na *Batalha*, se delas se deduzir que o assunto é digno de debate.

TRABALHADORES. Lede e propagai A BATALHA

